

**SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR AMADEUS - SESA  
FACULDADE AMADEUS – FAMA  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**NÁDJA MARIA RAMOS LIMA**

**A IMPORTÂNCIA DO PEDAGOGO NAS CLASSES HOSPITALARES DE  
ARACAJU-SE**

**Aracaju – SE  
2012**

**NÁDJA MARIA RAMOS LIMA**

**A IMPORTÂNCIA DO PEDAGOGO NAS CLASSES HOSPITALARES DE  
ARACAJU-SE**

**Artigo científico apresentado à Faculdade Amadeus como trabalho de conclusão de curso, e requisito básico para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.**

**Orientador: Prof. Eduardo Novaes  
Schoucair**

**Aracaju – SE**

**2012**

## **A IMPORTÂNCIA DO PEDAGOGO NAS CLASSES HOSPITALARES DE ARACAJU-SE**

### **RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo relatar a prática, e verificar a importância docente nas classes hospitalares do município de Aracaju/se. A pesquisa realizada foi de cunho bibliográfico e descritivo, abordando também a técnica da observação, onde a mesma se deu por meio de entrevista. Concluiu-se assim, que o pedagogo é de suma importância para a humanização do tratamento de crianças e adolescentes na classe hospitalar, sendo seu trabalho realizado dentre outras estratégias mediante a escuta pedagógica e, posteriormente, aplicação de atividades diversificadas respeitando as especificidades de cada aluno/enfermo.

**Palavras-chave:** Pedagogo. classe hospitalar. humanização.

### **ABSTRACT**

This paper aims to report the practice and see the importance in teaching classes hospital of the city of Aracaju/ se. The research was descriptive and bibliographical nature, addressing also the observation technique, where the same was made through interviews. We conclude therefore that the teacher is paramount for humanizing treatment of children and adolescents in the hospital class, and his work among other pedagogical strategies by listening and the nap plying diversified activities respecting the specificities of each student/patient.

**Keywords:** Educator. Class hospital. humanization

## **1 INTRODUÇÃO**

No ano 2011 após assistir uma palestra conclui que o pedagogo pode atuar nos hospitais. A palestrante relatou sobre sua experiência, no setor de oncologia do Hospital de Urgência de Sergipe (HUSE) através da aplicação do projeto “O Anjo Linguarudo com asas quebradas quer voar”. A partir desse

momento surgiu o seguinte questionamento: De que forma os pedagogos atuam, e qual a sua importância na classe do Huse (Hospital de Urgência de Sergipe)? Vivemos em uma sociedade que se diz inclusiva, portanto, deve possibilitar que todos tenham respeitado o direito à educação. Sendo assim, é preciso que as crianças e adolescentes hospitalizados tenham acesso a esse bem precioso: a educação. Sendo assim, deve haver um pedagogo atuando no ambiente hospitalar.

O referido artigo tem como objetivo geral observar a prática docente nas classes hospitalares do município de Aracaju- SE, sendo traçados, portanto como objetivos específicos: analisar como o currículo é estruturado para atender as necessidades especiais dos alunos, observar a relação professor-aluno, e identificar os recursos utilizados no processo de ensino-aprendizagem. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e descritiva; assim chamada porque os dados são coletados na própria realidade, por meio de entrevista, questionário e observação. (CERVO e BERVIAN, 2002, pg.65).

A Classe hospitalar pode ser considerada segundo a política do Ministério da Educação (MEC) “um ambiente hospitalar que possibilita o atendimento educacional de crianças e jovens internados que necessitam de educação especial, e que estejam em tratamento hospitalar” (BRASIL, 1994.p.20) apud OLIVEIRA (2010). Portanto, o atendimento pedagógico é uma forma de garantir o direito das crianças e adolescentes hospitalizadas, possibilitando-os a continuidade dos estudos ao sair da internação.

É essencial a existência de práticas pedagógicas para a educação das crianças e adolescentes enfermos. Sendo assim, o pedagogo pode atuar utilizando-se de programas de recreação, ou seja, usa o lúdico para proporcionar um momento de alegria e aprendizado para as crianças.

Os docentes devem atuar nas classes hospitalares adequando o seu planejamento. Para isso deve levar em consideração a individualidade de cada criança ou adolescente (hospitalizados), e proporcionar atualização dos conteúdos escolares para que o discente não retroaja quanto à aprendizagem, por falta de atendimento escolar durante a sua internação.

Quanto aos critérios e características dos docentes, Barros (2007) apud OLIVEIRA (2010) afirma que os professores que atuam nas classes hospitalares, devem ter uma formação abrangente e específica.

Além disso, é importante a prática pedagógica no âmbito hospitalar com foco na abordagem dos conteúdos curriculares, através da ludicidade. Porém, não pode ficar apenas no lúdico, devendo haver a integração dos conteúdos com a abordagem lúdica que facilita o aprendizado da criança e adolescente enfermos, bem como trabalha os aspectos emocionais e cognitivos, não deixando que o educando retroaja quanto a sua aprendizagem, proporcionando a sua volta à escola de origem, sem traumas e stress. Dessa forma, será respeitado e garantido o direito de todos à educação como consta na Constituição.

## **2 BREVE HISTÓRICO DA CLASSE HOSPITALAR**

O marco inicial das classes hospitalares ocorreu na França, em 1935, quando Henri Sellier implantou uma experiência pedagógica voltada para as crianças internadas nos hospitais. A partir desse momento, a experiência se expandiu para outros países europeus e para os Estados Unidos.

É preciso destacar que houve ampliação do atendimento educacional nas classes hospitalares devido a Segunda Guerra Mundial, pois nesse período houve muitas crianças e adolescentes com mutilações, que, portanto, foram internados e precisaram de atendimento educacional.

Sendo assim, em 1939, foi criado o Centro Nacional de Estudos e de Formação para a Infância Inadaptada de Suresne (C.N.E.F.E.I), em Paris, objetivando a formação de professores para atuar nos institutos especiais e nas classes hospitalares.

De acordo com Fonseca apud Santos (2010, p.117) a primeira escola hospitalar brasileira foi implantada no Rio de Janeiro, no Hospital Bom Jesus. Mas, foi apenas, em 1995, que ocorreu a legalização das classes hospitalares, através do Estatuto da Criança e do Adolescente Hospitalizado, de acordo com a Resolução nº 41 de Outubro de 1995, que garante “o direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para saúde, acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência escolar”. Sendo assim, esta lei serve como parâmetro que regulamenta a atuação do pedagogo nas classes hospitalares.

O atendimento pedagógico no hospital em Aracaju- se teve início

em 2002 com a criação do Projeto Classe Hospitalar, cujo tema é “O Anjo Linguarudo com Asas Quebradas Quer Voar” implantado no Hospital de Urgência de Sergipe- Governador João Alves Filho. Este teve como eixo a literatura infantil e infanto juvenil com o intuito de desenvolver competências curriculares e habilidades dos atendidos. Porém, apenas em 2006, houve uma parceria entre as Secretarias de Saúde e Educação, com previsão de término para 2011. A partir desse período o atendimento foi ampliado para as crianças e adolescentes da ala pediátrica.

## **2.1 Classe Hospitalar e a Legislação Brasileira**

É de suma importância e prioridade, segundo a legislação brasileira o reconhecimento da escolarização para crianças e adolescentes no âmbito hospitalar (CNDA,1995) apud Fonseca (2003, p.12) Esta modalidade tem como objetivo o atendimento pedagógico-educacional no desenvolvimento psíquico e cognitivo de crianças e adolescentes enfermos ou portadores de deficiência.

Recentemente a câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação institui as Diretrizes Nacionais para a educação especial na Educação Básica (Resolução 02, de 11-09-2001. Publicado DOU, número 171 seção 1, e de 14/09/2001, p.39-40) que no artigo 13 se refere á escola no ambiente hospitalar. Essas diretrizes tornaram-se obrigatórias, a partir de 2002.

Esta Lei possibilita o acesso e exclusividade às diversas modalidades, inclusive a escola hospitalar, levando o pedagogo a atuar não só nas instituições escolares como em diversas áreas.

A Legislação assegura os direitos das crianças e adolescentes a terem acesso à educação em classes hospitalares, não deixando causar nenhuma sequela ,tanto no intelecto como no emocional e no cognitivo.

Para que as crianças e adolescentes não retroajam quanto à aprendizagem, é necessário que existam práticas pedagógicas que proporcionem o desenvolvimento escolar nos ambientes hospitalares.

Na classe hospitalar deve ser empregado o termo multieducação (SME 1996) apud Fonseca (2003, p.13), pois este é importante já que abrange

uma diversidade de áreas, que é essencial para pedagogia não só hospitalar, mas atuam nos princípios básicos educativos nos aspectos curriculares.

Ceccine colaboradores (1997) apud Fonseca (2003, p.14) afirmam que para desenvolver um trabalho e alcançar seus objetivos nas classes hospitalares é necessário obter a confiança do cliente, e trabalhar com parceria entre família, professor e aluno, e os profissionais de saúde, pois estes e o ambiente hospitalar tornam-se frustrantes para as crianças e adolescentes, por estarem em um lugar desconhecido, limitado e diferente do seu cotidiano, longe dos seus entes queridos e de suas atividades.

Além disso, os profissionais de saúde, por usarem roupas brancas, deixam as crianças e adolescentes “deprimidos” por conta dos procedimentos que são realizados, e devido ao estado em que se encontram. A maneira de conversar e até mesmo convencer que não é tão ruim assim, depende muito do atendimento dos profissionais. Estes trabalham de acordo com as escalas dos plantões, e todos não são iguais ao realizar seus procedimentos. Quando os enfermos passam a ter confiança no profissional, chega outro totalmente diferente, assim os pacientes ficam na incerteza e na ansiedade que muitas vezes acaba retroagindo ao seu tratamento.

Segundo Fonseca (1995) apud Fonseca (2003, p.21) se o profissional for receptivo com as crianças e adolescentes enfermos, podem contribuir para uma melhor interação, e até mesmo o profissional de saúde a compreender as necessidades dos pacientes, bem como os procedimentos médicos passam a transcorrer com facilidade.

Dessa forma, por conta das limitações que as crianças e adolescentes hospitalizados encontram, a classe hospitalar faz-se necessária, principalmente, através da presença de um profissional competente para possibilitar a aprendizagem e interação entre estes indivíduos.

O profissional citado acima é o pedagogo, que deve se entrosar com as crianças e adolescentes hospitalizados com o objetivo de conhecer um pouco do seu cotidiano, ou até mesmo dos seus conhecimentos prévios para atender melhor as suas necessidades, e daí criar conceito para o seu aprendizado, sem que haja nenhuma alteração em suas atividades, e no seu bem estar.

Diante do exposto, o pedagogo é de suma importância no

ambiente hospitalar, e tem que ficar atento aos fatores que interferem no tratamento dos alunos/enfermos, e tornar-se um mediador do processo de ensino aprendizagem, fazendo com que eles não se sintam desorientados e limitados por estarem fora do seu meio social.

### **3 A IMPORTÂNCIA DO PEDAGOGO NAS INSTITUIÇÕES HOSPITALARES.**

Para quem não conhece a função que o pedagogo exerce no hospital acaba confundindo-o com psicólogo, doutor da alegria (trabalha essencialmente com animação e/ou recreação) ou auxiliar de enfermagem.

Sendo assim, é essencial esclarecer qual é o papel do pedagogo no âmbito hospitalar. Esse profissional pode atuar utilizando projetos e programas de cunho pedagógico e formativo. Segundo Wolf (2007) o pedagogo pode atuar nas “unidades de internação; na ala de recreação do hospital; para crianças que necessitem de estimulação essencial; com classe hospitalar de escolarização para continuidade dos estudos e também no atendimento ambulatorial.”

Assim, percebe-se o quão o pedagogo é importante no ambiente hospitalar para possibilitar momentos de alegria e, ao mesmo tempo, de aprendizagem, pois a prática docente não pode ficar no simples brincar, mas, também, deve propiciar que o aluno aprenda sobre os conteúdos escolares, quando retornarem para as suas escolas de origem. Por isso, Santos afirmou que o pedagogo tem a função “de proporcionar atendimento educacional à criança e ao adolescente enfermo, favorecendo a continuidade de sua aprendizagem e a reintegração dos mesmos à escola, permitindo assim a sua inclusão”.

Quanto à prática docente Wolf (2007 ) afirma que “se dará através das variadas atividades lúdicas e recreativas como a arte de contar histórias, brincadeiras, jogos, dramatização, desenhos e pinturas, a continuação dos estudos no hospital”.

O pedagogo hospitalar deve realizar o seu trabalho respeitando a especificidade de cada aluno/paciente, ou seja, a aprendizagem ocorre de forma particular. De acordo com Santos:

As atividades são ministradas de acordo com a faixa etária, sempre respeitando a necessidade, o interesse e o tratamento do aluno, uma vez que no âmbito hospitalar abriga diferentes faixas etárias. Além disso, ele desenvolve um tratamento conjunto e interdisciplinar visando o desenvolvimento integral das crianças enfermas. Por isso, através de recursos didático-pedagógicos, o pedagogo hospitalar, sem perder de vista à individualidade de cada aluno, e atendendo as suas especificidades, procura incluir estes alunos ao ambiente social, cultural e familiar. (SANTOS, 2010, p. 3-4)

Dessa forma as crianças e os adolescentes poderão dar continuidade aos estudos sem prejuízo cognitivo, pois este continuou a ser desenvolvido, mesmo estando internados no hospital.

A importância do pedagogo foi ressaltada por Wiles (1987) apud Fonseca (2003) ao afirmar que a função do professor não é de manter apenas a criança ocupada, mas sim estimulá-las através do uso de seu conhecimento, das necessidades curriculares de cada criança.

As necessidades curriculares vão ao encontro das possibilidades de atuação do professor quando este analisa o seu estado físico e psicológico.

Sendo assim o docente deve levar em consideração que:

Para o aluno hospitalizado as relações de aprendizagem numa escola hospitalar são injeções de ânimo, remédio contra os sentimentos de abandono e isolamento, infusão de coragem, instilação de confiança no seu progresso, e em suas capacidades; a qualidade vai ao encontro do quanto atendem às necessidades e interesses enquanto vivenciando tais momentos. É a criança ou adolescente doente quem sinaliza quando precisa descansar ou quando se sente enfraquecido. Por outro lado, também, sinaliza quando necessita de maior estímulo e recuperar-se (Fonseca, 1999)

Outro fator a ser considerado para a realização da prática pedagógica é a constante mudança do alunado devido à admissão e alta de crianças e adolescentes enfermos. Portanto, o docente deve utilizar atividades e estratégias diversificadas. Assim respeitará os diferentes interesses e ritmos de aprendizagem.

Além disso, o professor precisa considerar os conhecimentos prévios, e depois intervir nas atividades que o aluno ainda não é capaz de executar por si só, mas que poderá chegar a fazê-lo, se receber ajuda necessária. Sendo assim, o professor atua como mediador, orientando, guiando, facilitando e problematizando a aprendizagem. Ele poderá rever suas

práticas de ensino aprendendo com elas. A prática no ambiente hospitalar deve ser desenvolvida com base no cotidiano das crianças e adolescentes enfermos.

As crianças terão um desenvolvimento cognitivo, mediante a participação da família e do pedagogo, assim, os discentes se sentirão mais motivados para realizar as atividades aplicadas no ambiente hospitalar.

É preciso ressaltar que as atividades devem ter como base a condição física e psicológica de cada enfermo. Além do mais, o pedagogo deve realizar atividades que fazem com que as crianças e adolescentes enfermas utilizem de suas habilidades e conhecimentos adquiridos no seu contexto social em diversas situações vivida no dia a dia.

O pedagogo da escola hospitalar tem várias possibilidades de práticas, ressaltando que o lúdico não se limita apenas a brincadeiras recreativas ou jogos, mas atender as necessidades educacionais das crianças e adolescentes enfermos, dessa forma pode-se trabalhar o potencial e as habilidades mesmo que se encontre no ambiente hospitalar.

Para que o docente realize um trabalho de qualidade, alguns materiais pedagógicos devem ser fornecidos, e na classe hospitalar deve existir uma infraestrutura e recursos materiais.

Quanto aos recursos pedagógicos o MEC (2002, p. 16) afirma que:

Nas classes hospitalares, sempre que possível, devem estar disponibilizados recursos audiovisuais, como computador em rede, televisão, vídeo-cassete, máquina fotográfica, filmadora, videokê, antena parabólica digital e aparelho de som com CD e k7, bem como telefone, com chamada a ramal e linha externa. Tais recursos se fazem essenciais tanto ao planejamento, desenvolvimento e avaliação do trabalho pedagógico, quanto para o contato efetivo da classe hospitalar, seja com a escola de origem do educando, seja com o sistema de ensino responsável por prover e garantir seu acesso escolar. Da mesma forma, a disponibilidade desses recursos propiciarão as condições mínimas para que o educando mantenha contato com colegas e professores de sua escola, quando for o caso.

### **3.1 A Escuta Pedagógica: Fator Primordial para a Relação Professor-Aluno na Classe Hospitalar**

A relação professor-aluno na classe hospitalar se dá através da escuta. Esta serve para identificar a dificuldade que as crianças e os adolescentes estão passando, para, assim, poder contribuir na sua

recuperação. Quanto a esse aspecto é comprovado, através de pesquisas, que a atuação do pedagogo no ambiente hospitalar é de grande ajuda no psicológico e no cognitivo, ou seja, é de suma importância no desenvolvimento do aprendizado da criança e do adolescente ao longo do período da admissão no âmbito hospitalar até a alta.

O professor precisa adquirir a confiança do seu alunado. Para tanto, é necessário fazer com que as crianças e adolescentes se sintam seguros para desenvolver suas habilidades, por isso, é essencial que o docente tenha uma escuta aguçada para atender e suprir as dificuldades que os alunos apresentam da doença que os acometem. Além disso, devemos levar em consideração que os mesmos são retirados do seu contexto social, e passam a vivenciar uma realidade diferente, longe de todos, porque o ambiente hospitalar é restrito.

O pedagogo deve trabalhar com atividades que envolvam as crianças e adolescentes enfermos, para que esqueçam a doença e o ambiente em que se encontram. No início o pedagogo tem que ter uma excelente escuta, pois as crianças e os adolescentes já estão deprimidos, debilitados por estarem doentes, e sentindo dores, sendo submetidos a exames clínicos, a medicações injetáveis, que causam uma grande frustração e medo dos profissionais da saúde.

Caso o pedagogo chegue, logo no início, aplicando atividades sem conhecer o seu cotidiano, nem os conhecimentos prévios dos discentes, não vai adquirir o mais importante de tudo, que é a confiança e segurança para que elas possam recuperar da doença que acomete e consiga vencer seus obstáculos.

A partir da conscientização já trabalhada com eles, e ciente das suas dificuldades, o pedagogo passa a desenvolver os conteúdos da escola de origem, para que as crianças e adolescente não sofram retardo no seu aprendizado.

Neste momento é importante o papel do professor, não só para a intervenção pedagógica, mas também fazer com que as crianças e adolescentes compreendam que a situação atual de internação e medicação endovenosa é necessária para recuperar a saúde, e retornar ao lar e a escola oriunda.

## 4 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO AMBIENTE HOSPITALAR

Quanto às práticas realizadas no ambiente hospitalar, relataremos as mais abordadas, como: uso da brinquedoteca, da literatura infantil e da arte.

### 4.1 Fazer arte no hospital: Isso é possível?

Levando em consideração os profissionais que atuam nos hospitais, verifica-se que os médicos e enfermeiros preocupam-se mais com o corpo adoecido. O pedagogo representa, então, um diferencial para humanizar o processo de cura ao considerar os aspectos afetivos e sociais que envolvem os alunos.

O professor pode agir de acordo com o que prega a Pedagogia Hospitalar, nas palavras de Cunha e Kryminice (2009, p.176), pois “propõe um trabalho, com atividades artísticas, literárias e pedagógicas ao enfermo, oportunizando a continuidade dos seus estudos, de forma particular atendendo às necessidades de cada criança; onde se faz necessário um trabalho diversificado”.

Segundo Cunha e Kyminice (2009,p.177) “a criança é um ser repleto de capacidades, com alegrias, sonhos e esperanças”. Sendo assim, o docente não deve considerar a criança incapaz, já que esta mesmo estando doente tem mantida as suas potencialidades e capacidades criadoras.

Cunha (2009, p.175) cita Pellegrini (2002, p. 64) ao afirmar que a criança tem uma criatividade natural que deve ser explorada, através do trabalho com arte, pois esta estimula a expressão de sentimentos, mediante o desenho, a pintura. Ela diz que a arte tem múltiplas linguagens como: as artes visuais, as artes plásticas, a música e a literatura, a escultura, o cinema, o teatro, a dança, a arquitetura.

A autora conclui que para o pedagogo propiciar que a criança/adolescente desenvolva as suas competências é necessário que:

Tenha domínio e conhecimento do conteúdo a ser explorado, oportunizando momentos que possibilitam o trabalho com o exercício da imaginação, a autoexpressão, a descoberta e a invenção, novas

experiências perceptivas, experimentação da pluralidade e diversidade de valores, sentido e intenções. (Kryminice e Cunha 2009, p.174)

A partir do que foi mencionado Kryminice e Cunha (2009,p.174) acrescenta algumas técnicas e atividades que possibilitam explorar o potencial da criança hospitalizada, podendo utilizar técnicas e atividades artísticas como: desenho, pintura, colagem, teatro de fantoche, construção com sucatas, atividades artesanais e brincadeiras infantis.

#### **4.2 Contar e ouvir histórias: uma arte que não tem fim...**

Cristiane Verdi (2009) destaca que a literatura serve como etapa inicial ou ponto de partida para o exercício do trabalho pedagógico, pois é através deste que o Pedagogo Hospitalar poderá desvendar os sentimentos e dúvidas que circundam o universo da criança enferma. Ela acrescenta, ainda, que essa é a meta inicial do professor, assim, após essa descoberta, poderá definir e planejar as atividades que serão realizadas na classe do hospital.

No que se refere ao recurso citado acima, Kryminice e Cunha (2009, p.184) afirmam que:

Ao trabalhar com a história infantil é necessário fazer uma seleção inicial levando em conta, entre outros fatores, a expressão literária, o interesse do ouvinte e sua faixa etária. Ao se contar a história às crianças/adolescentes deverá despertar a sensibilidade, emoção, envolvendo o espectador.

A história inicialmente é transmitida oralmente para a criança, sendo essa a forma de transmitir-lhes os valores, as crenças e costumes da época em que vive. Além disso, o ato de contar história propicia o interesse pela leitura da palavra, lembrando que esta é feita, após a leitura de mundo, que o ser na fase da infância adquire.

Verdi (2009, p. 162) afirma que “escutar histórias é o início da aprendizagem pra ser um leitor, e ser leitor é ter todo um caminho de descobertas e de compreensão do mundo, absolutamente infinito”.

Essa habilidade de leitura é considerada um instrumento de libertação, pois o sujeito torna-se crítico e criativo. Além disso, afirmamos que é

a escola e no caso do hospital, o professor da classe hospitalar, que tem a função de “propiciar ao sujeito o desenvolvimento da sua capacidade de leitura do mundo, consciente dos seus direitos e deveres, capaz de lutar por melhores condições de vida e trabalho”. (Verdi, 2009, p.163).

Além dessas, há outras funções, da literatura infantil no âmbito hospitalar como repouso, já que pode ser utilizada para que a criança se acalme e, assim, mergulhe no mundo do faz de conta, onde realidade e fantasia se misturam. É também uma maneira de criar laços e/ou vínculos entre o professor contador de histórias e a criança e o adolescente/espectador.

Para que as finalidades acima sejam alcançadas é preciso que o contador de histórias siga alguns critérios para que o momento de contação de história seja um momento atraente e instigante, abordados por Abramovich (1989) apud Verdi (2009,p.164):

verificar o local, o horário e as acomodações; conhecer o enredo com absoluta segurança; conhecer o público a que se destina a ter o dom de encantar e dominar; narrar com naturalidade, sem afetação, com voz clara e expressão viva; enfatizar os pontos emocionantes da história através das variações de tonalidades de voz e pausas oportunas; sentir/viver a história, emocionando-se com a própria narrativa; não perder o fio da meada quando estiver fazendo uso de livro ou outro elemento ilustrativo; tirar partido de pequenos incidentes, sem interromper a história; evitar tiques e cacoetes; tratar o ouvinte com simpatia e camaradagem sem adotar um ouvinte predileto.

Percebemos que a literatura infantil é um recurso para que a criança desperte o gosto para a leitura, que se configura como a primeira forma de aprendizagem. Além disso, é por meio da mesma que pode expressar sentimentos, concordar, discordar, identificar-se com as personagens e viver o mundo do faz de conta.

### **4.3 A brinquedoteca no espaço hospitalar: um espaço de alegria**

A brinquedoteca passou a ser obrigatória a partir da lei 11.104. Esse espaço serve para brincar, se divertir e aliviar o stress associado à internação.

Dessa forma, a criança tem um direito garantido, que é o brincar. Quanto a isso Debortoli (2000) apud Fonseca (2003, p.65) “brincar é muito

importante para a criança, pois é por meio desta ação que ela usufrui de plenas oportunidades que lhe possibilitam desenvolver novas competências e aprender sobre o mundo ,sobre as pessoas, e sobre si mesma”.

O ambiente da brinquedoteca deve ser amplo, e deve haver uma variedade de brinquedos, onde se possam realizar atividades lúdicas diversas, obedecendo a situação das crianças e adolescentes enfermos. Os brinquedos devem ser higienizados e adequados para a idade das crianças.

Para Cunha (2001) apud Schoor, Boyen, Lima e Paula (2009, p. 145) as principais características de uma brinquedoteca são: resgate da cultura local, incentivo ao brincar de forma coletiva, estímulo a diferentes tipos e formas de atividades; espaço de socialização, partilha dos brinquedos e cuidados com o acervo de materiais.

## **5 ANÁLISE DE RESULTADOS**

A pesquisa de campo referente à elaboração deste artigo foi realizada através de entrevista com a pedagoga, pós-graduada em psicopedagogia, que atua no setor de oncologia do Hospital Universitário de Sergipe - Huse. A entrevista foi realizada a partir de um questionário (Apêndice A) composto por dados de identificação e 05 (cinco) perguntas abertas, as quais foram respondidas pela respectiva técnica. Além dessas informações, foi analisado também o projeto que é aplicado na instituição.

A primeira pergunta teve o intuito de averiguar quais os recursos utilizados na classe hospitalar. A entrevistada afirmou que eram “utilizados livros didáticos, e livros de contos de fadas, que atraem a atenção das crianças e adolescentes, que ficam curiosos para saber qual o final da história. Além disso, é utilizado o DVD com as crianças e adolescente mais debilitados, por serem submetidos a exames clínicos, sendo que alguns são rotineiros devido à gravidade da doença que acomete”.

“O computador e os brinquedos deixam eles relaxados depois das medicações que foram administradas, já os desenhos em DVD, por ser o foco da atenção das crianças que ficam sendo medicadas na sala de recreação, assumem papel importante, pois através deles as crianças ficam ligadas na

história que está sendo apresentada, e com isso esquecem um pouco a dor a qual estão acometidos.”

Diante disso, percebemos que a classe hospitalar possui recursos didáticos essenciais para o desenvolvimento das aulas e está de acordo com as orientações do MEC, pois disponibiliza “recursos audiovisuais, como televisão e DVD”. Quanto à literatura infantil deve ser utilizada, pois pode “propiciar ao sujeito o desenvolvimento da sua capacidade de leitura do mundo, consciente dos seus direitos e deveres, capaz de lutar por melhores condições de vida e trabalho”. (Verdi, 2009, p.163).

Ao ser questionada como o currículo é estruturado, a pedagoga afirma que “é diversificado, adaptado e flexível para atender as necessidades pedagógicas dos alunos”. No projeto consta que na organização curriculares, atividades dirigidas são propostas considerando a idade e a necessidade do aluno, dessa forma, assume a seguinte estrutura:

### **Educação Infantil**

- Atividades que desenvolvam o aspecto sensório perceptivo;
- Estimular a comunicação emitiva e receptiva;
- Desenvolver atividades lúdicas que fomentem o equilíbrio emocional e social do aluno;
- Trabalhar com materiais de texturas e espessuras diversas;
- Associação de cores, formas; pareamento entre igual e diferente, classificação, lateralidade;
- Estimular à criança a máxima independência pessoal, mediante o desenvolvimento físico, a aquisição de destreza motora, hábitos de higiene e habilidades sociais;
- Exploração de blocos, encaixes diversos;
- Atividades envolvendo esquema corporal, motricidade fina, escrita espontânea;
- Desenhos e pinturas com materiais que não prejudiquem o estado de saúde da criança.

## Ensino Fundamental

- Português;
- Ênfase na leitura e produções escritas a partir de histórias expostas;
- Matemática;
- Ênfase na interpretação de situações problemas. Relacionados ao cotidiano, operações e sistema de numeração.

Esse projeto vai ao encontro das ideias de Wolf (2007), segundo o qual o pedagogo pode atuar nas “unidades de internação; na ala de recreação do hospital; para crianças que necessitem de estimulação essencial; com classe hospitalar de *escolarização para continuidade dos estudos* e também no atendimento ambulatorial”

Quanto ao que se refere às atividades aplicadas foi observado que uma das crianças atendidas estava realizando uma pintura com lápis de cor. Ela falou que não sentia dor quando estava no hospital, por causa da medicação.

A terceira questão foi relacionada quanto aos critérios utilizados para escolha dos conteúdos a serem trabalhados com o intuito de verificar se seguia os conteúdos abordados em sala de aula.

Ao ser questionada quanto aos critérios seguidos para que as crianças tenham atendimento na classe hospitalar, foi respondido que: “a classe hospitalar é uma terapia para que as crianças e adolescentes hospitalizados possam esquecer a doença”. No documento cedido (o projeto) consta que os critérios são:

- Entrevista com os pais ou responsável, explicando o objetivo do projeto;
- Preenchimento de ficha de Identificação com dados do paciente e sua situação escolar;
- Acolhimento e avaliação inicial de cada criança e adolescente;
- Preenchimento de ficha de caracterização do aluno na escola
- Registro na ficha de desempenho (acompanhamento do quadro evolutivo)

- Encaminhamento de relatório à escola de origem.

Os três (03) últimos procedimentos, só serão efetivados com criança e adolescentes que permanecerem internados por período superior a trinta dias. Os demais assistidos têm suas atividades e intervenções registradas em ata.

O que consta no projeto de ensino explicita quais os critérios de atendimento, subtende-se que todas as crianças são atendidas e aquelas que têm internamento superior a trinta dias são acompanhados mais rigorosamente.

Por fim, foi questionado sobre a importância do pedagogo na classe hospitalar. Foi respondido que “é preciso amor para atender as necessidades das crianças e adolescentes hospitalizados, para assegurar seu direito à educação sem que haja nenhum retrocesso quanto ao conhecimento”.

Dessa forma, entendemos que o profissional que atua na classe hospitalar, mais especificamente o pedagogo, precisa ter amor para realizar o seu trabalho. É o que afirma Fonseca (2003, p.25) apud Simonetti e Maito (2012) ao ressaltar a importância do pedagogo para a humanização do processo de cura da criança.

O professor da escola hospitalar é antes de tudo um mediador das interações das crianças e adolescentes do ambiente hospitalar. Por isso não lhe deve faltar noções sobre as técnicas e terapêuticas sobre as doenças que acometem seus alunos e, os problemas até mesmo emocionais delas, decorrentes para as crianças e adolescentes e também seus familiares, e para as perspectivas fora do hospital.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A sociedade apresenta um discurso sobre educação inclusiva, na qual todos deveriam ser atendidos na escola regular de ensino. Mas, e no caso das crianças internadas, as mesmas poderiam ficar sem esse atendimento? A resposta é não. Para isso surgiu a Pedagogia hospitalar, que viabiliza a presença do pedagogo nas chamadas classes hospitalares.

Através da realização deste artigo, observamos que o pedagogo é de suma importância para humanizar o processo de cura. Isso só é possível mediante as práticas realizadas no ambiente hospitalar como o uso de

literatura infantil, da arteterapia, brinquedos, jogos e brincadeiras, de acordo com um currículo diversificado, abordando, também, os conteúdos curriculares.

O currículo deve ser aplicado de acordo com as especificidades de cada aluno, pois cada um está hospitalizado por um motivo. Além disso, a criança e ou adolescente em alguns momentos poderá não querer participar de alguma atividade e deve ter sua vontade respeitada. Portanto, o docente tem que realizar um planejamento com atividades diversificadas e, antes de aplicá-lo deve ouvir e perceber o ambiente, no qual está chegando para assim atuar, ou seja, a escuta pedagógica é de suma importância para a prática do pedagogo.

Quanto ao currículo e/ou atividades na classe hospitalar o mesmo deve propor um trabalho com atividades artísticas, literárias e pedagógicas ao enfermo, oportunizando a continuidade dos seus estudos, de forma particular atendendo às necessidades de cada criança, fazendo assim um trabalho diversificado, dando à criança o direito à educação.

Assim, o pedagogo tornar-se-á um profissional cuja importância será pautada em proporcionar o desenvolvimento dos aspectos cognitivos, psicológicos e socioeducativo, através de uma ação compromissada na classe hospitalar.

## REFERÊNCIAS

Brasil. Ministério da Educação. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. / Secretaria de Educação Especial. – Brasília : MEC ; SEESP, 2002.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia Científica**. 5ª ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

COSTA, Suely Borges da. **Projeto: Classe Hospitalar: “O Anjo linguarudo com asas quebradas quer voar”**. Aracaju-SE. 2008

CUNHA, Célia Regina Algarte da; KRYMINICE, Andressa oliveira de Souza. As múltiplas linguagens artísticas e a criança enferma. In. Matos, Elizabete Luzia Moreira (organizadora). **Escolarização hospitalar: educação e saúde de mãos dadas para humanizar**- Petrópolis RJ: Vozes, 2009.

FONSECA, Eneida Simões da .**Atendimento escolar no ambiente hospitalar**. São Paulo: Memnon, 2003.

OLIVEIRA, Jussara Passos de; SIMÕES: Liene Ribeiro; SILVA Rosângela Agrac de Araújo da; ABREU, Vera Lúcia e LOPES, Sônia Vitor. **O atendimento educacional nos ambientes hospitalares**. Revista FACEW, Vila Velha Número 4 Jan. Jun.2010 p.75-81.

SANTOS, Denise de Ávila Oliveira. **Pedagogo no hospital: quem é este profissional!** Revista Pandora Brasil. Edição Especial Nº 2- “Campos de atuação do pedagogo”- Outubro de 2010.

SCHOOR, Rosa M; BOYEN, Cristiane B; LIMA, Cláudia F; PAULA, Ercília Maria A.T. de. O brincar no hospital: ousadia, cuidados e alegria. In. MATOS, Elizete Lúcia Moreira (org.). **Escolarização hospitalar: educação e saúde de mãos dadas para humanizar**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SIMONETTI, Natalí Cristine e MAITO, Viviane Pereira. **A escuta pedagógica da criança hospitalizada**. Disponível em :[www.infoeducativa.com.br](http://www.infoeducativa.com.br). Acesso em 12/ 12/2012.

VERDI, Cristiane. A literatura infantil no hospital. In. MATOS, Elizabete Lúcio Moreira. (organização) **Escolarização hospitalar ; educação e saúde de mãos dados para humanizar**-Petrópolis RJ:Vozes,2009.

WOLF, Rosângela Abreu do Prado. **Pedagogia hospitalar: a prática do pedagogo em instituições não escolar**. Revista Conexão UEPG, Edição nº 1, Volume 3 (2007).

## APÊNDICE

APÊNDICE A – Questionário sobre a importância do pedagogo na classe hospitalar do HUSE

I Identificação

Sexo: ( ) Feminino ( ) Masculino

Formação Profissional:

Ensino Médio: ( ) Sim ( ) Não

Graduação:  Sim  Não

Especialização:  Sim  Não

Mestrado:  Sim  Não

Doutorado:  Sim  Não

Já fez algum curso sobre classe hospitalar

Sim  Não

Quando:

Onde:

## II Questionário

- 1) Quais são os critérios para que o paciente tenha atendimento educacional na classe hospitalar no Huse?
- 2) Como o currículo é organizado na classe do Huse?
- 3)** Quais são os critérios utilizados para a escolha dos conteúdos a serem trabalhados nas aulas?
- 4) Quais os recursos utilizados nas aulas da classe hospitalar?
- 5) Qual é a importância do pedagogo na classe hospitalar ?